



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

LARA JENNIFER SILVA COELHO

O EXISTENCIALISMO NO *LIVRO DO DESASOSSEGO*

PEDREIRAS-MA

2024

LARA JENNIFER SILVA COELHO

O EXISTENCIALISMO NO *LIVRO DO DESASOSSEGO*

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regilane Barbosa Maceno

**PEDREIRAS-MA
2024**

Ficha catalográfica – requisitada presencialmente na biblioteca

Coelho, Lara Jennifer Silva.

O existencialismo no livro do Desassossego e a Heteronímia Pessoaana /Lara Jennifer Silva Coelho. – Pedreiras, MA, 2024.

52 f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno

1. Existencialismo. 2. Fernando Pessoa. 3. Livro do Desassossego. I.Titulo.

CDU: 141.32

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

LARA JENNIFER SILVA COELHO

O EXISTENCIALISMO NO *LIVRO DO DESASOSSEGO*

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regilane Barbosa Maceno

Aprovação em: 30/07/2024

Documento assinado digitalmente
 **REGILANE BARBOSA MACENO**
Data: 31/10/2024 22:43:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Regilane Barbosa Maceno
ORIENTADORA

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCA JANDIRA MACHADO NEVES**
Data: 05/11/2024 17:29:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Francisca Jandira Machado Neves (UFP)
1º EXAMINADOR

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 01/11/2024 09:00:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Francinaldo Pereira da Silva
2º EXAMINADOR

À minha mãe e ao meu irmão, assossegos
da minha alma.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder força para enfrentar os desafios da jornada acadêmica.

À minha orientadora Prof^a. Dra. Regilane Barbosa Maceno, deixo aqui a minha profunda gratidão por ser a melhor orientadora que alguém pode ter. Sua dedicação, paciência e conhecimento foram de extrema importância para a realização deste trabalho.

À minha mãe e ao meu irmão pelo apoio e amor incondicional.

Aos amigos que fiz no percurso, Bárbara Chaves, Edson Araújo, Gabriela Barros, Iranildo de Souza, Maiara Cristina e Myrelly de Mello pelo companheirismo e motivação em meio às dificuldades do meio acadêmico.

Às professoras Deymika Carvalho e Edma Ribeiro que, além de excelentes profissionais, me fizeram sentir acolhida ao longo da graduação.

À Universidade Estadual do Maranhão, em especial ao campus Pedreiras pelo ambiente, suporte e recursos necessários para minha formação.

*“A literatura é a maneira mais agradável
de ignorar a vida.”*

Fernando Pessoa

RESUMO

Como corrente filosófica que busca discutir e refletir as inquietações humanas, o existencialismo pode ser peça fundamental para a compreensão da obra literária de Fernando Pessoa e de seus heterônimos. Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar como o existencialismo reflete e se manifesta no *Livro do Desassossego* e na heteronímia pessoana. Para atingir tais objetivos, foi realizada uma análise bibliográfica de natureza qualitativa da obra literária de Fernando Pessoa, com foco no *Livro do Desassossego* e com base em estudos teóricos sobre alguns filósofos - Søren Kierkegaard, Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche –, em especial Jean-Paul Sartre (1973) como expensor das ideias de seus antecedentes, além de teóricos literários como Antônio Cândido (2006) e Araújo e Leite (2023). Em suma, esta análise revela que as múltiplas faces de Pessoa e toda a sua profundidade possuem influência do existencialismo por suas reflexões sobre existência, angústia, liberdade e insatisfação com a realidade, as quais a vasta produção literária pessoana é repleta.

Palavras-chave: Existencialismo; Fernando Pessoa; *Livro do Desassossego*.

ABSTRACT

As a philosophical current that seeks to discuss and reflect human unrest, existentialism can be a fundamental piece for understanding the literary work of Fernando Pessoa and his heteronyms. Therefore, the present study aims to analyze how existentialism reflects and manifests itself in the Book of Disquiet and in personal heteronymy. To these objectives, a qualitative bibliographic analysis of the literary work of Fernando Pessoa was carried out, focusing on the Book of Disquiet based on theoretical studies of some philosophers - Søren Kierkegaard, Martin Heidegger and Friedrich Nietzsche - especially Jean-Paul Sartre (1973) as an expander of the ideas of his background, as well as literary theorists such as Antônio Cândido (2006) and Araújo e Leite (2023). In short, this analysis reveals that the multiple faces of Pessoa and all its depth have the influence of existentialism by its reflections on existence, anguish, freedom and dissatisfaction with reality, which the vast personal literary production is filled with.

Keywords: Existencialism; Fernando Pessoa; Book of Disquiet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	15
EXISTENCIALISMO: DISCUTINDO O CONCEITO	16
1.1 Martin Heidegger	17
1.2 Søren Kierkegaard	20
1.3 Friedrich Nietzsche	22
1.4 Jean-Paul Sartre	24
CAPÍTULO II	28
EXISTENCIALISMO E A LITERATURA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	28
2.1 O existencialismo na literatura portuguesa do século XX.	31
2.2 Fernando Pessoa: um caso especial	34
2.3 O existencialismo de Fernando Pessoa	38
CAPÍTULO III	41
O LIVRO DO DESASSOSSEGO E ANTECIPAÇÃO DO EXISTENCIALISMO	41
3.1 O desassossego em um livro	41
3.2 Liberdade	43
3.3 Responsabilidade	45
3.4 Angústia	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

O existencialismo, corrente filosófica do século XX que busca discutir a existência humana e seus desassossegos, emergiu na França em contexto de ocupação alemã no país e das Grandes Guerras que atormentaram o mundo. Em decorrência disso, o ser humano voltou-se para si e sentiu a necessidade de discutir mais amplamente suas angústias em meio ao desespero e à grande quantidade de mortes que aconteciam não somente na França, mas no mundo. Assim, as discussões que já perduravam desde o século anterior, ganharam força com as ideias de pensadores como Søren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, que tiveram forte influência não só no campo filosófico, mas em outras áreas como a psicologia, a educação e, especialmente, a literatura, com os próprios filósofos engajados em produzir obras literárias para representar seus conceitos, como é o caso de Nietzsche (2011) com o livro *Assim Falou Zaratustra*.

No mesmo século, não só a França sofria com revoltas, mas Portugal também passava por um período de transição do governo monárquico para a república após um regicídio. Assim, enquanto na França e em outros países europeus o existencialismo ganhava espaço na representação da insatisfação humana com a existência, Portugal também passava por um período delicado e incorporava temas existencialistas em suas obras, apesar de que isso não seja tão amplamente destacado. Nesse sentido, Candido (2006) discute em seu livro *Literatura e Sociedade*, que embora uma obra seja escrita sob viés pessoal, o autor retrata o lugar e o momento em que está inserido.

Dentre os autores que se destacam nesse momento histórico da literatura portuguesa, está Fernando Pessoa, Luis de Montalvor, Mário de Sá-Carneiro e Almada-Negreiros, que introduziram o Modernismo em Portugal com a revista Orpheu, que tinha como principal objetivo atingir a sociedade burguesa da época. Destes, Fernando Pessoa se destaca pela genialidade e complexidade de sua obra literária, marcada por suas diversas personalidades, em seus muitos heterônimos, sendo os principais Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos nas poesias e o semi-heterônimo Bernardo Soares com o Livro do Desassossego.

Cada um dos heterônimos possui vida e personalidade própria, bem como estilo e temáticas de escrita únicas refletidas na visão de mundo de cada um, enquanto o semi-heterônimo Bernardo Soares é o que mais se assemelha ao seu

próprio criador, como afirma Pessoa em carta a Adolfo Casais Monteiro¹: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu, menos o raciocínio e a afetividade” (Pessoa, 2019, p. 363). São heterônimos pessoanos, explorando o existencialismo, que investiga e explora a essência da existência humana e todos os seus aspectos.

Assim, as ideias de Pessoa, expressas por meio de Soares e rodeadas por elementos de desconexão com a realidade, contrastam significativamente com as personalidades de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, que são os principais heterônimos pessoanos. Isso resulta em diversas visões de mundo que se relacionam com o existencialismo, especialmente por parte de Alberto Caeiro, que é mestre de Fernando Pessoa e dos demais heterônimos, enriquecendo ainda mais o legado literário e filosófico de Fernando Pessoa.

A respeito da aproximação entre a filosofia e a literatura, Rafael de Araújo, em seu livro *Filosofia e literatura: diálogos, relações e fronteiras*, afirma que “A aproximação entre esses dois campos pode ocorrer com base em pontos de vista filosóficos ou literários” (2023, p. 103). Logo, um filósofo pode escrever um romance e um escritor literário pode manifestar conceitos filosóficos em sua essência, como é o caso de Fernando Pessoa. Em vista disso, a aproximação entre a literatura e a filosofia existencialista pode estabelecer um diálogo entre o *Livro do Desassossego*, a heteronímia pessoana e as questões fundamentais do existencialismo, bem como a angústia, a liberdade e a responsabilidade.

O *Livro do Desassossego* é uma obra literária que explora questões existencialistas em busca de um sentido da vida com as reflexões de Bernardo Soares, características que podem fazer o livro ser considerado da filosofia existencialista. Por outro lado, o processo heteronímico de Fernando Pessoa e toda a sua complexidade de identidades, personalidades, perspectivas e visões de mundo diferentes enfatiza que esse existencialismo é próprio da escrita e poesia pessoana, com a hipótese de que uma vida não basta para ser vivida e entendida. Diante disso, surge a questão: como o existencialismo, enquanto filosofia, pode contribuir para a compreensão das reflexões feitas no *Livro do Desassossego* e das diversas personalidades da heteronímia pessoana enquanto literatura?

¹ PESSOA, Fernando. Carta a Adolfo Casais Monteiro – 13 Jan. 1935. **Arquivo Pessoa**, 2015b. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>. Acesso em: 10 jul. 2024.

O objetivo deste estudo é, portanto, estabelecer diálogos entre literatura e filosofia que revelem conexões entre o *Livro do Desassossego*, os principais heterônimos de Fernando Pessoa e o existencialismo, buscando analisar como os conceitos de angústia, liberdade e responsabilidade estão presentes nas reflexões pessoanas. Além disso, busca-se relacionar essa riqueza e pluralidade de personalidades com suas próprias vidas e histórias dos heterônimos pessoanos, explorando o existencialismo, que investiga e explora a essência da existência humana e todos os seus aspectos.

Para alcançar tais objetivos, a natureza do presente estudo é de cunho bibliográfico, uma vez que é baseado no “levantamento de material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas etc.”. (Marconi *apud* Brasileiro, 2021). Assim, a revisão teórica e bibliográfica foi realizada por meio de textos relacionados ao *Livro do Desassossego*, ao Existencialismo e à heteronímia de Fernando Pessoa, como Sartre (1973), Coelho (1972) e Furlan (2009).

Tendo em vista que esta pesquisa busca analisar a relação entre objetos literários - o existencialismo presente no *Livro do Desassossego* e a heteronímia pessoana – a escolha por métodos exploratórios e qualitativos permite um maior aprofundamento nas teorias que cercam o tema, além de discussões com o intuito de explorar recursos, ideias, hipóteses e conceitos existentes acerca do que é, de fato, o existencialismo e como ele pode estar relacionado às obras literárias de Fernando Pessoa. Assim, uma análise crítica criteriosa foi realizada, permitindo maior análise, para as abordagens escolhidas.

Muitos leem o *Livro do Desassossego*, assim como as demais leituras de Fernando Pessoa, com a visão de que a vida de Bernardo Soares ou seus heterônimos possuía um traço de personalidade de seu criador como extremamente triste, pessimista e que isso torna as leituras consideravelmente “pesadas”. O que grande parte das pessoas não consegue ver é justamente o verdadeiro sentido de existencialismo presente no cotidiano das personalidades múltiplas de Pessoa em Soares, Campos, Reis e Caeiro, o que não torna o autor necessariamente triste ou pessimista, mas sim ciente de que existe e isso requer fazer escolhas difíceis durante a vida.

Nesse sentido, entender a real conceituação da angústia existencialista trazida por Sartre é essencial: “Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à

inação. Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem” (1973, p. 6). Portanto, ela pode ser vista como a ansiedade, um sentimento comum a todos, a que Sartre (1973) ainda afirma que aqueles que dizem não a terem, estão apenas enganando a si mesmos.

A relevância pessoal da escolha de tal temática e obras se baseia justamente no que foi dito: o que para muitos podem ser leituras tristes ou angustiantes, se tornou, de fato, um acalento, um momento no qual é possível entender que é comum se sentir ansioso, desde que essa ansiedade seja como um impulso e não paralise. Soares sentia sua angústia e a aceitava como parte de si e isso não significa uma vida ruim, uma vez que Pessoa afirma que seu semi-heterônimo vinha até ele em momentos de sonolência, que pode ser vista, também, como momentos de tristeza.

A importância dessa pesquisa reside, também, na necessidade de se compreender a filosofia por trás da literatura e da escrita de Fernando Pessoa, além dos fragmentos da complexidade que cerca suas obras e o motivo de tantos estudos dedicados ao autor. Quanto à relevância acadêmica e social, considerando a universidade como produtora de ciência para a sociedade, está no fato de que essa interdisciplinaridade entre filosofia e literatura para compreender a obra de um autor sob o nome de outras personalidades com vidas e pensamentos próprios.

Essa abordagem possui sua importância não só para a literatura isoladamente, mas também para a sociedade enquanto seu reflexo, uma vez que trata de inquietações humanas e tudo o que corresponde à vida e à realidade, proporcionando ao leitor uma experiência de reflexão.

Além disso, essa interdisciplinaridade entre diferentes áreas também pode ser capaz de enriquecer a literatura, de modo a promover mais reflexões profundas e explorar todas as possibilidades do que representa a obra literária pessoana. Dessa forma, o trabalho também pode contribuir para a expansão da literatura a outras áreas, oferecendo-a novas perspectivas para o campo literário e acadêmico.

Portanto, esse trabalho dividido em três capítulos, sendo o primeiro de conceituações sobre o existencialismo e seus principais estudiosos, visando uma compreensão mais profunda do que se trata o existencialismo; o segundo contendo as possíveis conexões e proximidade entre o existencialismo e a literatura, bem como escritores literários com a temática em suas obras; e o terceiro de análise ao *Livro do Desassossego* com base nas concepções de liberdade, angústia e responsabilidade

na narrativa de Bernardo Soares. Por fim, apresentamos as Considerações Finais e as Referências que serviram de apanágio para o embasamento teórico desta Monografia.

CAPÍTULO I

EXISTENCIALISMO: DISCUTINDO O CONCEITO

“A vida pode ser sentida como uma náusea no estômago, a existência da própria alma como um incômodo dos músculos”.

F. Pessoa

O existencialismo pode ser entendido como uma corrente filosófica que surgiu no século XIX e passou a ser amplamente explorado no século seguinte por sua abordagem de temas relacionados à existência. Sua principal característica se concentra na análise da existência humana e de tudo que a permeia, enfatizando a liberdade, a fé, a morte, a responsabilidade e a angústia (também chamada de ansiedade) que cada um desses conceitos pode causar no indivíduo por motivos intrínsecos.

Boa parte das discussões teóricas a respeito do existencialismo põe como questão fundamental a existência de Deus, colocando na religião certa responsabilidade sobre as decisões e sentimentos humanos sob a perspectiva de que o ser humano age ou não de acordo com regras morais e éticas, preestabelecidas socialmente pelos próprios indivíduos com base em crenças. Essa ideia é enfatizada pela famosa frase “A existência precede a essência” (Sartre, 1973, p. 11), e sugere a inexistência de um criador que defina a humanidade e dê um propósito antes que exista. E, portanto, o indivíduo nasce e, só depois, com base em suas escolhas, concebe seu próprio sentido para a vida e o destino, podendo escolher quem ou que quiser ser.

A respeito do emprego das expressões “existencial” e “existencialismo”, respectivamente, Colette (2009) discorre, sobre suas origens.

[...] sabe-se que o emprego filosófico do primeiro ocorre aproximadamente na metade do século XIX, e o do segundo, cerca de um século mais tarde. Durante as décadas de 1930-1950, o existencialismo parece designar um clima de pensamento, uma corrente literária vinda da Europa do Norte, dos países eslavos ou germânicos. Um de seus traços principais seria a percepção do sentido do absurdo juntamente com a do sentimento trágico da vida. A experiência de uma humanidade entregue às violências mortíferas, às

monstruosidades de uma guerra particularmente bárbara teria exigido dos artistas, dos escritores e dos filósofos novas inflexões, capazes de repor em questão o exercício de uma liberdade ainda a conquistar” (Colette, 2009, p. 04).

Assim, a ascensão do existencialismo no século XX teve como uma de suas causas a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã na França – onde emergiu o movimento –, pois fez com que a atenção humana se voltasse para o seu pessimismo, desespero e incertezas devido à grande quantidade de mortes e caos que se instalaram não só na França, mas no restante do mundo. Isso explica a sensação de desamparo discutida por grande parte dos filósofos, especialmente os ateus, que acreditam que o ser humano está no mundo com total liberdade e responsabilidade sobre si mesmo e sobre seus próprios atos enquanto indivíduos sociais.

Dessa forma, a angústia discutida pelos filósofos do existencialismo como um dos principais conceitos pode ser entendida justamente pela sensação de consciência a tudo que acontece em torno de sua existência. Mesmo com essas questões em manifestações de diversas linguagens já sendo discutidas desde o final do século anterior, o movimento ganhou força e veio a tornar-se uma das mais importantes correntes filosóficas do século, pois buscava compreender e responder aos questionamentos relacionadas à angústia, à morte e ao sentido da existência humana.

Cada filósofo possui seus próprios conceitos e concepções com base naquilo que acredita e, portanto, as experiências de estudo de cada autor diferem em seus ideais por ser individual, embora muitos utilizem outros existencialistas como base de seus escritos. Ao longo deste estudo, alguns filósofos como Søren Kierkegaard, Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Friedrich Nietzsche, serão discutidos e analisados em suas convergências e divergências para uma melhor compreensão do que se trata o existencialismo, de fato, com as concepções de Sartre com a Angústia, Liberdade e Responsabilidade como parte dos processos e reflexões humanas.

1.1 Martin Heidegger

Nascido em 26 de setembro de 1889, em Messkirch, na Alemanha, Martin Heidegger (1889-1976) foi um importante filósofo alemão, amplamente conhecido por sua filosofia existencialista, especialmente no século XX. Estudou filosofia na Universidade de Freiburg-im-Breisgau, com Edmund Husserl (1859-1938), por quem

foi fortemente influenciado, por ser criador da fenomenologia, tornando-se seu assistente e logo depois substituindo-o como professor na universidade, consolidando mais ainda sua posição como filósofo.

Embora Heidegger tenha negado o título de existencialista, sua obra é de grande importância para o campo existencialista, especialmente *Ser e Tempo* (1927), sua obra mais conhecida que discute a questão do Ser enquanto existência. Em *Ser e Tempo*, a questão do Ser está diretamente ligada à forma como vivemos, uma vez que ele buscava descrever a realidade com base em nossa compreensão sobre nossas experiências, ou seja, da própria consciência humana. Dessa forma, é justamente a questão do ser que abre margem para a compreensão da existência, e permite uma compreensão maior acerca da vida, pois o ser humano é o único ser que tem a capacidade de refletir sobre sua própria existência e sobre as dos demais seres que o cercam.

Ainda em *Ser e Tempo*, o filósofo traz conceitos fundamentais e de inspiração para os existencialistas que viriam a seguir, como **dasein**, **ente**, **ser-no-mundo**, **ser-para-morte**, **autenticidade** e **angústia existencial**, entre outros. A partir disso, foca no sentido de esse ser em relação ao mundo e em tudo que permeia a existência, como a morte, e em como ocorre a aceitação da finitude da vida, de onde surgem as angústias e a falta de autenticidade por se focar no fim e não no processo até ele.

Segundo Heidegger, embora o conceito de “ser” seja indefinível, por ser universal, todas as pessoas são capazes de entender, em qual enunciado, o que se quer dizer com “ser”, ou seja, tem sentido em si mesmo, ou “pode-ser-entendido-por-si-mesmo” (2012, p.39). Isso significa que, mesmo não sendo possível definir concretamente o que significa “ser” na perspectiva filosófica, o termo em si é repleto de significado e é facilmente compreendido quando utilizado.

Portanto, a metodologia fenomenológica da filosofia de Heidegger (2012) em *Ser e Tempo* se baseia na relação do ser com o mundo, nomeada pelo autor como “ser-no-mundo” ou “dasein” e seu vínculo com o ente, que pode ser entendida como a parte mais acessível do ser. Assim,

A ciências tem, como comportamentos do homem, o modo-de-ser desse ente (homem). Esse ente, nós o apreendemos terminologicamente como Dasein. A pesquisa científica não é o único, nem o mais imediato dos possíveis modos-de-ser desse ente. Além disso, o Dasein é ele mesmo um ente assinalado diante de todo outro ente. É preciso tornar visível apenas provisoriamente esse caráter assinalado. Nisso, a discussão deve antecipar

análises posteriores que são as únicas propriamente demonstrativas. (Heidegger, 2012, pág. 59)

Para o filósofo, com essa capacidade do *Dasein* de questionar a própria existência, ele adquire, também, a consciência de que sua temporalidade, que é algo que considera essencial e diz que “a investigação filosófica necessita focar no tempo, e no que ele chama “Dasein”, para esclarecer, tanto quanto possível, o significado da questão do ser” (Reynolds, 2012, p. 38). No entanto, tal consciência implica a ideia de que o ser humano está no mundo sem qualquer controle sobre sua finitude ou sobre seu passado, o que gera angústia pela incapacidade do ser de controlar o que formou sua identidade.

Para Heidegger, nossas possibilidades futuras se tornam mais focadas ao genuinamente encararmos a perspectiva de nossa própria morte. Somente se estivermos conscientes de nossa própria finitude seremos impelidos a agir agora e com urgência. Isso torna mais provável que atinjamos a disposição autêntica que Heidegger chama “resolutividade”. Sem esse reconhecimento Heidegger sugere que uma vida de inautenticidade, frivolidade e de crença acrítica no que os outros acreditam ameaça a dominar. Se a compreensão que Heidegger tem da morte parece irreal, é importante notar que um enfrentamento da morte pode nos ajudar a focar no que significa existir (Reynolds, 2012, p.68).

Assim, encarar a vida somente na perspectiva de morte, para Heidegger, pode levar um indivíduo a sobreviver constantemente angustiado, sem perceber o que, de fato, importa.

Os trabalhos do filósofo, que, mesmo negando ao título de filósofo existencialista, foi de grande inspiração para muitos filósofos da corrente que viriam a debater o assunto em suas obras. Além do destaque do autor pela obra *Introdução à Metafísica*, sua obra *Ser e Tempo* serviu, mais tarde, de inspiração a Jean-Paul Sartre, enquanto a obra heideggeriana *Carta sobre o Humanismo* é crítica à obra “o existencialismo é um humanismo”, de Sartre, como afirma Reynolds (2012):

O ensaio de 1945 de Heidegger, “Carta sobre o humanismo”, foi, dentre outras coisas, uma resposta a *O existencialismo é um humanismo*, de Sartre, e a uma rápida leitura de *O ser e o nada* (praticamente todas as páginas da cópia de Heidegger, desse livro, não estavam cortadas, como necessitavam estar naqueles dias antes que o livro pudesse ser lido). Basicamente, Heidegger argumenta que essa versão de existencialismo que foca na

consciência humana não mostra relação alguma com seu próprio pensamento, que em Ser e tempo, e mais obviamente para além desse texto, deixou esses compromissos antropológicos para trás. Ele também sugere que a fórmula existencialista favorita de Sartre – a existência precede a essência – simplesmente inverte o platonismo e é, portanto, ainda uma forma de metafísica, em vez de uma ontologia fundamental. (Reynolds,2012, pág. 76)

Portanto, o legado de Martin Heidegger como filósofo existencialista é complexo e, por vezes, controverso pela sua negação ao movimento e escolhas em sua vida pessoal – como sua filiação a um partido nazista. Entretanto, continua sendo objeto de debates e estudos filosóficos para aqueles exploram os assuntos relacionados à complexidade da existência humana.

1.2 Søren Kierkegaard

Søren Kierkegaard (1815-1855), conhecido como pai do existencialismo, foi um importante filósofo e teólogo do século XIX e deixou grandes contribuições para o existencialismo, especialmente o cristão, dada sua grande religiosidade, mesmo sem mencioná-lo, uma vez que a corrente e o termo em si, só surgiriam, de fato, muito tempo depois de sua morte.

Segundo Camila Pereira Lisboa, que retoma os estudos de Kierkegaard, (2016),

Em meados do século XIX, o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard afirmava que a essência do homem é existir, não havendo nada anterior a isso. A importância do pensamento que Kierkegaard inaugura está no fato dele defender que só depois que uma pessoa nasce a sua história realmente se inicia. Esse filósofo contrapõe tentativas de definir o homem pelos fatores históricos, culturais, políticos, biológicos etc., afirmando que esse tipo de visão retira do próprio homem a possibilidade de enxergar-se como um ser único, que também escolhe ser quem ele é. Com isso, é feita uma crítica a doutrinas como o idealismo alemão, muito difundido entre os intelectuais do século XIX, que buscava estabelecer métodos eficazes para alcançar o saber absoluto. Tentativas como a do idealismo sempre fizeram parte dos esforços empreendidos pela Filosofia, bem como pelas doutrinas classificadas como “científicas”, no intuito de melhor compreender o mundo e o ser humano. (Lisboa, 2016, p. 255)

Portanto, não bastasse o momento histórico no qual a Europa passava, com as grandes guerras e o desejo humano de entender a própria existência em meio a tanto

horror e tristeza a que passavam, foi Kierkegaard quem deu início a tais discussões. Consequentemente, as profundas reflexões feitas por Kierkegaard em seus escritos serviram de fonte de inspiração para escritores que realmente viveram o apogeu do existencialismo, até mesmo os que não se consideravam como parte do movimento e negaram o título de existencialistas, como Martin Heidegger.

A exemplo de obras importantes para o existencialismo de Kierkegaard, em *Temor e Tremor* (1843), o filósofo discute e defende sua fé através de sua relação com Deus, com elementos bíblicos, e põe a história de Abrão² ao sacrificar o próprio filho e as perspectivas ética e religiosa que o assunto envolve.

Segundo Reynolds, a decisão de “atender ao chamado de um outro particular (como Deus, no caso de Abraão) inevitavelmente exigiria um estranhamento dos “outros outros” e do que a ética mais geral exige de uma comunidade” (2012, p. 239). Ou seja, podemos inferir que, do ponto de vista ético humano, tirar a vida de uma pessoa, e até mesmo o próprio filho, é algo além da compreensão, mas quando se fala de fé, a vontade de Deus prevalece por um bem maior.

Além da obra mencionada, *O Conceito de Angústia* (1844) pode ser considerada outra obra essencial para a corrente, por se tratar justamente da angústia tão mencionada pelos escritores existencialistas e a coloca como consequência da liberdade de escolhas e a responsabilidade que isso envolve.

Posto isto, a religiosidade do autor também é discutida na angústia existencial, sendo relacionada ao pecado, pois, segundo ele, aponta a possibilidade humana de cair em pecado.

O existencialismo de Kierkegaard tem como base três vertentes, que são chamadas de “estádios” por ele, pelos quais o ser humano pode passar involuntariamente ao longo de sua vida. O primeiro estágio, e mais superficial, é o **estético**, faz com que o indivíduo viva em prol de prazeres, sobretudo eróticos, instantâneos. O segundo estágio explicado pelo autor é **ético**; dentro desse estágio, o indivíduo reconhece a importância das normas morais e da responsabilidade pessoal, comprometendo-se com valores e deveres vigentes da sociedade. E o

² De acordo com o Livro de Genesis, 22:2-3: “Então disse Deus: “Tome seu filho, seu único filho, Isaque, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei”. Na manhã seguinte, Abraão levantou-se e preparou o seu jumento. Levou consigo dois de seus servos e Isaque, seu filho. Depois de cortar lenha para o holocausto, partiu em direção ao lugar que Deus lhe havia indicado.” Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_22/ Acesso em 20 de junho de 2024.

terceiro é estágio **religioso**, onde o indivíduo busca conhecer a si mesmo através de sua relação pessoal com Deus e atinge uma compreensão mais profunda da existência, encontrando um maior conforto existencial através de sua fé.

Uma transição de um estágio para o próximo requer um salto, ou uma mudança radical de direção; não pode se dar progressivamente através de desenvolvimento racional, parte por parte. Kierkegaard insiste que a raiz de qualquer moralidade genuína que não seja mera convenção reside no terceiro estágio: o indivíduo por si próprio. Não consiste na “moralidade do rebanho”, na qual o indivíduo acredita meramente no que os outros acreditam, nem em estabelecer algum garantidor externo de valor, seja ele Deus, a riqueza, o poder ou mesmo a racionalidade. A insistência de Kierkegaard, de que a moralidade reside mais no caráter e nas atitudes da pessoa que está agindo (um tipo de “ética da virtude”, para usar o jargão contemporâneo) do que em saber se uma certa ação maximiza ou não a felicidade geral de uma sociedade (utilitarismo) ou se respeita cada pessoa singular como um “fim em si mesma” (ética kantiana), é um dos insights duradouros do existencialismo em geral. (Reynolds, 2012, p. 18)

Nesse sentido, os estádios não são como uma evolução humana, mas momentos que podem ser vividos de forma separada, de acordo com o que melhor lhe for proveitoso ou de acordo com cada momento específico que cada ser humano passar, podendo ser vivenciados os três ou somente um ao longo da vida.

1.3 Friedrich Nietzsche

Nascido 1844, Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo alemão que viveu durante o século XIX, mas deixou seu legado e serviu de inspiração para existencialistas do século XX por trazer questões humanas como valores, religião e a própria condição humana em suas obras, embora não seja, de fato, considerado um existencialista. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que suas obras podem ser consideradas reflexos de sua vida marcada pelo academicismo e pela religiosidade de sua família, visto que seu pai era pastor.

Assim, enquanto estudava filosofia e teologia na Universidade de Bonn e Leipzig, teve acesso a quem seriam duas inspirações teóricas e de pensamento: Arthur Schopenhauer e Richard Wagner. Após isso, aos 24 anos, foi convidado a lecionar filologia na Universidade de Basileia, mas, por problemas de visão e de dores de cabeça, precisou se afastar. Após isso, se dedicou apenas à escrita de suas obras

mais influentes, como *Assim Falou Zaratustra* (2011), *Além do Bem e do Mal* (1886) e *A Genealogia da Moral* (1887).

Assim Falou Zaratustra (2011) é uma obra literária que discute questões religiosas e filosóficas, narrando a história de um personagem sábio chamado Zaratustra, em busca de conhecer ao mundo e mais de si mesmo após muito tempo isolado para meditar. Com Zaratustra é possível refletir sobre as principais ideias existencialistas de Nietzsche, como a "morte de Deus" e o "super-homem".

Partindo de um ideal iluminista, a ideia Nietzscheana da morte divina em *Assim Falou Zaratustra* encontra-se sua crítica à moral cristã de que as regras impostas por essa moral perderam sua autoridade sobre a humanidade. Dessa forma, as sociedades passaram a criar suas próprias regras morais e valores independentes da fé cristã ou de Deus e que, portanto, o ser humano é livre para fazer, ser e se tornar quem quiser ser, como pode-se ver no trecho da obra:

E este é o grande meio-dia: quando o homem se acha no meio de sua rota, entre animal e super-homem, e celebra seu caminho para a noite como a sua mais alta esperança; pois é o caminho para uma nova manhã. Então aquele que declina abençoará a si mesmo por ser um que passa para lá; e o sol do seu conhecimento permanecerá no meio-dia.
 “Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva o super-homem.”
 — que esta seja um dia, no grande meio-dia, a nossa derradeira vontade! —
 Assim falou Zaratustra. (Nietzsche, 2011, pág. 85.)

Com essa morte de Deus ou de deuses, e, conseqüentemente, dos valores impostos pelo cristianismo, o "super-homem" torna-se centro de sua própria vida e rege as rédeas de sua existência. Embora Zaratustra seja um homem repleto de fé, ele adquire consciência de que ele é aquilo que faz de si próprio e sai em busca de seus próprios caminhos e significado para sua vida.

Para o pesquisador e filósofo Jack Alan Reynolds, em sua obra *Existencialismo* (2012):

De acordo com a genealogia quase histórica de Nietzsche em *Sobre a genealogia da moral* (1887), isso começou quando os escravos cristãos se voltaram para dentro, e postularam uma alma – uma reserva mental interior – como um último recurso a fim de permitir-lhes escapar e, finalmente, virar o jogo contra seus mais poderosos opressores greco-romanos, que estavam claramente no controle do reino físico. Embora esses “nobres” proclamassem, metaforicamente, sua própria grandeza ao invés de denegrirem os menores (o que Nietzsche chama a “moralidade do bem e do

mal dos senhores”), os cristãos, antes de tudo, denegriram seus opressores como maus e apenas secundariamente se afirmaram como bons por contraste (o que Nietzsche chama a “moralidade do bem e do mal dos escravos”). A primeira é afirmativa; a última é negativa e tende em direção ao rancor, porque muito tempo e energia são investidos em denegrir aqueles que têm o controle. Nietzsche quer rejeitar essa última tendência e em seu lugar valorizar a vida, ainda que ele não seja ingênuo o bastante, ao menos após *O nascimento da tragédia* (1872), para acreditar que qualquer simples retorno aos gregos e à moralidade do senhor seja possível (sua notória noção do *Übermensch*, ou super-homem, não é redutível à moralidade do senhor). (Reynolds, 2012, p. 19)

A moralidade escrava, dessa forma, beneficia somente a uma pequena parcela da sociedade e Nietzsche, em seu discurso, busca conscientizar e encorajar à autenticidade da massa, tentando provar que a moralidade pode ser um grande problema. Portanto, ao contrário de Kierkegaard, Nietzsche defende seu niilismo e declara em seus escritos que Deus está morto e critica fortemente o cristianismo, baseado na ideia de que os indivíduos não possuem valores próprios, se não pelos impostos pela doutrina, o que ele chama de “moralidade escrava”, pois não faz aquilo que deseja e age de acordo com regras preestabelecidas pelos próprios homens em nome das crenças.

1.4 Jean-Paul Sartre

Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em 1905 em Paris e, além de uma dos filósofos mais influentes do século XX, também foi o único, dos pensadores aqui discutidos, que se declarou claramente existencialista, além de ter grande contribuição para a literatura. Desde cedo muito engajado no meio acadêmico, estudou Heidegger, Jaspers e Husserl, além de Kierkegaard e Nietzsche, como inspiração para o próprio pensamento existencialista. Dessa forma, é possível encontrar um pouco do pensamento de cada autor estudado por Sartre em suas obras.

Dentre as obras mais importantes da carreira de escritor e filósofo, pode-se citar *A Náusea* (1938), *O Ser e o Nada* (1943) e *O Existencialismo é um Humanismo* (1946). Dessas, embora *Náusea* se configure como romance, é considerada existencialista pelas reflexões do protagonista durante a narrativa. Em *O Ser e o Nada*, o autor tem como influência o livro *Ser e Tempo*, de Heidegger e, portanto, possuem suas convergências e divergências, além de trazer os principais conceitos da filosofia

existencialista de Sartre. Nisso, *O Existencialismo é um Humanismo*, obra que será amplamente discutida neste estudo, é uma conferência que foi publicada em 1946 e traz a definição de existencialismo e as concepções sartreanas da corrente de forma mais simples e direta.

Sobre a relação de Sartre com Heidegger, Reynolds (2012) afirma que “É notório que Sartre tira ideias de Heidegger, em geral, muito acriticamente, enquanto Heidegger, muito criticamente, responde a ele em alguns lugares”. Inclusive, a própria obra *O Existencialismo é um Humanismo* recebeu uma resposta de Heidegger, um ensaio intitulado *Carta Sobre o Humanismo*, onde o autor critica, especialmente, a famosa frase de Sartre “A existência precede a essência”.

Sua vida repleta de situações não convencionais envolve seu relacionamento com a filósofa do existencialismo feminista Simone de Beauvoir, no qual ambos moravam separadamente e possuíam relações extraconjugais, o que durou boa parte da vida do escritor até sua morte, em 1980. Além disso, seu engajamento na literatura como escritor literário o fez ser indicado ao Prêmio Nobel de Literatura em 1964, que o recusou com a justificativa de que perderia o título de filósofo ao ganhar o de escritor.

O existencialismo sartreano se desenvolve sob a perspectiva ateísta de que “a essência precede a existência”. Isso significa que, dada a inexistência de um criador que destine um sentido à humanidade, os humanos têm a responsabilidade de criar seus próprios significados e valores como seres que existem em um mundo que age de acordo com as próprias leis carregadas de doutrinação.

O famoso comentário de Sartre de que a “existência precede a essência” talvez seja um bom ponto de partida, ainda que essa afirmação tenha sido também usada por muitos outros filósofos – como Ayn Rand – para propósitos decididamente diferentes. Podemos resumir o comentário de Sartre como sugerindo que a existência humana é notável pelo fato de que estamos sempre adiante de nós mesmos, e “a caminho”, com vários projetos, intenções e aspirações para o futuro. Em vez de nossa identidade ser determinada por nosso *status* biológico ou social, o existencialismo insiste que ela deve ser continuamente criada, e que existe uma ênfase resultante sobre nossa liberdade ou, no vocabulário preferido dos existencialistas, nossa transcendência (Reynolds, 2012, p.13).

Nesse sentido, é possível definir o existencialismo do autor em liberdade, responsabilidade e angústia, de forma que possuem determinada conexão, uma vez que a liberdade coloca sobre a humanidade determinada responsabilidade e esta, por sua vez, leva o indivíduo à angústia existencial.

Em *O Existencialismo é um Humanismo*, uma obra filosófica escrita em 1946, Sartre busca esclarecer acusações que as pessoas que não entendem o real significado de existencialismo constantemente fazem, como negar o lado bom da vida e das coisas que as cercam e focar apenas no desespero, na angústia, bem como tudo que há de negativo.

No entanto, o verdadeiro sentido, segundo Sartre, é justamente o oposto, visto que o existencialismo faz o indivíduo questionar suas escolhas, com a consciência de que elas não refletem somente em si mesmo e, portanto, pode ser vista como a ansiedade de agir da melhor forma possível.

Segundo Sartre, “o homem está condenado a ser livre” e enfatiza a liberdade como consequência da inexistência de um ser superior para ditar regras à humanidade. Ou seja, se Deus não existe, segundo suas crenças, todas as regras postas à sociedade são criadas pelos próprios indivíduos e, portanto, pode-se decidir o que quer fazer de sua vida. Assim, para ele, um indivíduo “não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz” (Sartre, 1973), o que remete à ideia de responsabilidade sobre as próprias ações.

Em, consequência da liberdade, a responsabilidade vem da mesma ideia de que, se o ser humano é livre para ser e fazer o que quiser de si mesmo, isto também requer a responsabilidade de saber que nunca age só por si mesmo, uma vez que, segundo Sartre, cada decisão é tomada com a ideia que se tem do que é o melhor e, esta, “engaja toda a humanidade”. Portanto, quando uma pessoa decide o que fazer, decide através de uma idealização de uma sociedade ideal, pois, como faz parte de um todo, não se torna responsável somente pelo que é e age como fruto do seu meio.

Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos (Sartre, 1913, p. 12)

Por conseguinte, quando o indivíduo tem a consciência de que suas decisões não engajam somente a si, pode gerar o que se tem por angústia existencial, ou

"angústia de Abraão", como citou Kierkegaard em referência à história bíblica da ordem recebida por Abraão de sacrificar seu próprio filho, e o peso de tomar a decisão baseado em sua fé ou em sua razão. Sartre, menciona, ainda, o exemplo da angústia sentida por chefes, especialmente os militares, que precisam dar ordens arriscando a vida de outras pessoas em caso de confrontos ou guerras e que, portanto, sua decisão é repleta de angústia existencial.

No próximo capítulo, discutiremos mais sobre o existencialismo enquanto filosofia e seus diálogos com outras áreas de conhecimento, especialmente na literatura portuguesa no século XX, no auge do movimento existencialista e do modernismo português. Portanto, escritores de grande influência como José Saramago, Mário de Sá-Carneiro e Florbela Espanca, além de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, serão discutidos em suas obras com abordagem de elementos existenciais.

CAPÍTULO II

EXISTENCIALISMO E A LITERATURA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

“A literatura, que é a arte casada com o pensamento e a realização sem a mácula da realidade [...]”

F. Pessoa

Os grandes conflitos do século XX causaram sensações de angústia e desespero, características do existencialismo pós-guerra, não só no campo filosófico, mas também em outras áreas como a literatura, a arte, a psicologia e até mesmo na educação. O existencialismo no desenvolvimento educacional, tem Paulo Freire (1921-1997) como um grande exemplo, pois com o seu processo de humanização do ser, o existencialismo age de forma a compreender melhor o indivíduo e como ele pode agir no processo de ensino-aprendizagem.

A influência do movimento existencialista em outras áreas, especialmente no campo educacional, é significativamente positiva por levar em conta os sentimentos e aflições que atormentam o ser humano, o colocando como centro e procurando métodos mais efetivos de representação e solução de possíveis problemas relacionados a déficit de aprendizagem. Humanizar o processo e colocar o ser humano como um ser que reflete sua existência ou até mesmo que o mediador da educação leve em consideração isso, é de extrema importância para que o aluno seja acolhido por ele.

Além disso, sobre a relação filosofia-literatura, Araújo afirma que:

A aproximação entre esses dois campos pode ocorrer com base em pontos de vista filosóficos ou literários. E isso diz muito, já que, dependendo do modo como abordamos a questão, a ênfase mudará. Vejamos o seguinte caso: um filósofo pode, munido de seu instrumental reflexivo-conceitual, exemplificar alguma tese por meio de conto, peça teatral ou romance. Eis uma postura que não é a mesma de um escritor que, agora do ponto de vista literário, propõe uma aproximação com a filosofia, talvez invocando alguma famosa tese pela boca de um de seus personagens. As possibilidades não se esgotam nessas duas opções. Temos ainda outras variações no modo como filosofia e literatura se aproximam ou afastam. (Araújo, 2023, p. 103)

Portanto, a literatura, assim como a filosofia existencialista, também pode buscar explorar questões essencialmente humanas, como moral, significado da vida, entre outras coisas. O que torna as duas ciências próximas pelo fato de que muitos filósofos utilizam a própria literatura para exemplificar suas ideias, com personagens e histórias que envolvam o leitor e as tornem mais compreensíveis ou reflexíveis possível. Por outro lado, escritores literários também podem expressar questões filosóficas em suas obras, uma vez que, a depender da temática ou da intenção da obra, ela pode encaixar-se e ser analisada dentro de determinadas correntes da filosofia.

Devido a essa profunda relação do existencialismo, muitos pensadores desse movimento escreveram obras literárias, pois a literatura foi o meio encontrado para a disseminação de ideias e sentimentos causados pela segunda guerra. A exemplo, Jean-Paul Sartre, com obras como *A náusea* (1938), considerada uma das mais importantes obras do existencialismo, por se tratar de um romance que traz Antoine Roquentin como personagem central, um historiador que começa a escrever suas percepções, reflexões e sentimentos em relação ao mundo em um diário. Conforme sua consciência aumenta, uma sensação de desconexão também é crescente, então Roquentin passa a questionar sua própria existência, tornando-o mais angustiado com o que o cerca.

Esse tipo de angústia diante do passado também está incorporado ao comportamento de Antoine Roquentin, no romance de Sartre *A náusea*. Próximo ao final do livro que ele está escrevendo sobre uma figura histórica, Monsieur Rollebon, Roquentin admite que não quer prosseguir. Embora outra pessoa possa “se obrigar” a completar seu livro ao se lembrar de que prometeu e se comprometeu a terminá-lo, assinando alguns contratos e assim por diante, Roquentin não deixará que resoluções passadas confirmem significado ao presente. Recusar-se a fazer isso, no entanto, significa que questões concernentes a como agir levam Roquentin a uma grande tristeza”. (Reynolds, 2012, p.107)

Além da obra mencionada e outras peças teatrais – *Entre Quatro Paredes*, *O inferno são os outros* e a trilogia de romances *Caminhos da Liberdade* – Sartre contribuiu com a teoria literária com a obra *O Que é a Literatura* (1948), na qual o autor discorre seus conceitos de literatura e a relação que existe entre autor e leitor. Por conta de tais contribuições, Sartre foi reconhecido como um bom escritor e chegou a recusar o prêmio Nobel de Literatura, pois, “segundo ele, isso seria perder sua identidade de filósofo” (Araújo, 2023, p. 103), como já mencionado.

A relação de Sartre com a literatura, assim como a relação de alguns pensadores com a filosofia existencialista, é de negação. Isso não quer dizer, entretanto, que não exista ou que não haja certa conexão, mesmo que disjuntiva, como afirma Araújo, em seu livro *Filosofia e Literatura* (2023). Essa conexão é considerada disjuntiva porque se dá pelo fato de que ambas as áreas podem andar juntas. Contudo, possuem suas divergências teóricas, especialmente por tratarem de objetos diferentes, mesmo que, em casos específicos, possam convergir, como Rafael de Araújo afirma:

A perspectiva que percebe uma separação essencial entre filosofia e literatura pode ser chamada de purista ou disjuntiva. Essa abordagem se vale de uma conjunção disjuntiva ou que funciona criando um afastamento teórico importante. Considere ainda que essa interdição pode ter origem tanto no campo filosófico, em relação a uma pretensa contaminação da literatura, quanto do lado literário, como crítica de uma intromissão ideológica por parte da filosofia. O ponto que parece agrupar as várias possibilidades da perspectiva purista é este: filosofia e literatura teriam um campo de ação específico, além disso, objetivos diferentes". (Araújo, 2023, p.104)

Dessa forma, mesmo as obras literárias com características existencialistas de Sartre, entre outros autores que podem ser analisados de acordo com o movimento, abordam, especialmente temas como angústia, solidão, liberdade e o que tudo isso traz de responsabilidade ao ser humano. Além disso, a figura de Deus é frequentemente colocada em questão, pois isso é uma das discussões essenciais do indivíduo, que busca seu lugar e sentido no mundo.

A angústia proveniente do existencialismo em obras literárias, mais conhecida como a sensação de ansiedade ou de desconforto devido ao julgamento de falta de sentido na vida do(s) indivíduo(s), retratados em histórias, pode levá-lo(s) a um profundo estado de desespero ou até mesmo de aceitação com tal percepção de mundo. Tal angústia, segundo Sartre, não é algo necessariamente ruim, uma vez que ela apenas simboliza as preocupações humanas causadas pela liberdade de se existir ou estar vivo e precisar tomar decisões constantemente, não só por si, mas pela humanidade, como parte de um todo.

A sequência de temas humanos abordados no existencialismo pode ser vista, portanto, como uma relação de encadeamento, onde uma sensação leva a outra, uma vez que a angústia existencialista pode ser consequência de uma ou mais percepções de vida.

Outros autores influentes para a corrente foram Albert Camus e Simone de Beauvoir, devido às suas contribuições literárias de essência existencialista. Camus recebeu o prêmio Nobel de Literatura em 1957, pela escrita de livros como *O Estrangeiro*, *A Queda* e *A Peste*, obras que exploram a complexidade humana abordada pelo existencialismo, mas repletas de metáforas. Simone Beauvoir, que foi uma importante adepta de movimentos feministas, teve seu existencialismo voltado para suas causas e obteve destaque pela obra *O Segundo Sexo*, pois aborda não só questões de autonomia e liberdade do ser como um todo, mas da luta que é ganhar espaço em tais questões como mulher.

Segundo Benedito Nunes (*apud* Oliveira, 1989), dentro da literatura de ficção sempre há uma *concepção-de-mundo* e tal concepção na obra de Clarice Lispector, por exemplo, possui grande afinidade com o existencialismo, motivo pelo qual a escritora brasileira é frequentemente associada e interpretada com base nos fundamentos filosóficos existencialistas. Portanto, temas como náusea e angústia são característicos da autora, tornando-a mais próxima de escritores propriamente reconhecidos como existencialistas, como Jean-Paul Sartre.

Assim, observa-se que, na literatura, o existencialismo encontrou um terreno fértil para explorar essas ideias através de personagens e narrativas que ilustram a condição humana. Em muitas representações literárias, a ideia de que os indivíduos são livres para fazer suas próprias escolhas e devem assumir a responsabilidade por essas escolhas, muitas vezes, se traduzem em personagens que enfrentam dilemas morais e a angústia de tomar decisões difíceis.

2.1 O existencialismo na literatura portuguesa do século XX.

Enquanto Portugal passava por seu processo de reconquista territorial em conflito com a Espanha, que na época eram região da chamada Península Ibérica, e como consequência da necessidade de comunicação entre os indivíduos, o galego-português, a língua da formação inicial de Portugal começou a ter suas primeiras manifestações artísticas no Trovadorismo. O movimento, que teve seu início em 1198 e se estendeu até meados de 1418, eram composições chamadas de cantigas de

amigo, de amor, de escárnio e de maldizer, recitadas por cancioneiros e em ritmo musical.

Além da divisão da literatura portuguesa em Medieval, Clássica e Moderna, há outra divisão simbólica. O pesquisador Massaud Moisés, em seu livro *Literatura Portuguesa (2015)* chama de “ciclo camoniano” e “ciclo pessoano”, nos quais, no primeiro período, os demais escritores se inspiravam em Camões e no segundo se inspiravam em Pessoa.

[...] do mesmo modo que o ciclo camoniano se caracteriza por uma série de clichês expressivos, assim o ciclo pessoano corresponde ao encontro de novos achados poéticos, expressos numa linguagem nova, logo tornada clichê à custa de repetida. Como havia um modelo camoniano de transmitir a impressão causada pelo mundo e os homens na sensibilidade do poeta, atualmente há um molde pessoano. O ciclo camoniano termina quando se inicia o ciclo pessoano, evidente na influência além e aquém-Atlântico exercida por Fernando Pessoa. (Moisés, 2015, p. 501)

Portanto, com o início da Era Moderna e com o ciclo pessoano, a Literatura Portuguesa ainda tinha influência de correntes anteriores, como o Simbolismo, mas tinha-se a intenção de ruptura com esse passado, assim como aconteceu com o Modernismo no Brasil, que teve como intenção a ruptura com o Parnasianismo

Dado seu contexto histórico, como a Europa e o mundo sofriam as consequências das guerras, Portugal passava pelo processo de adaptação a uma nova era e a um novo regime político. Dessa forma, o Modernismo representou uma forma de manifestar a revolta da sociedade da época e, embora o existencialismo na literatura portuguesa não seja tão amplamente destacado quanto em outras literaturas europeias, teve uma presença significativa, especialmente através de alguns autores que incorporaram os temas existencialistas em suas obras.

Para o crítico literário brasileiro Antônio Candido (2006),

Entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”. (Candido, 2006, p.146)

Embora, no trecho acima, Candido se refira à literatura brasileira – especificamente a paulista -, ele demonstra que a literatura em si é vista como um produto social e, mesmo que tenha sido escrita no íntimo do autor, este autor está inserido em um meio e sua visão pode ser reflexo dele, logo “[...] a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (Candido, 2006, p. 28). Dessa forma, a associação da literatura portuguesa com fragmentos existencialistas como fruto do momento histórico trágico mostra que seus autores estavam inseridos em uma sociedade.

Dentre os principais escritores da literatura da era modernista portuguesa que apresenta profunda conexão entre sua obra literária e a filosofia existencialista é o português José Saramago, ganhador do Prêmio Camões em 1995 e do Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Em sua obra mais conhecida, *Ensaio Sobre a Cegueira*, é possível se deparar com extremos da natureza humana, se expostos à condição de nenhuma lei superior para lhes manter sob os valores ético e moral estabelecidos pela sociedade, o que reflete incertezas e angústias em meio à complexidade dos problemas enfrentados por indivíduos em tais circunstâncias. A narrativa é marcada por retratar a condição do ser humano enquanto vulnerabilidade em sua luta para encontrar seu lugar, dialogando com as ideias existencialistas de Sartre de liberdade e responsabilidade de moldar sua própria existência.

Outra obra desse autor que também está associada às ideias existencialistas é *Todos os Nomes*, que também é um exemplo de narrativa que lida com a condição humana e a busca de sentido em um mundo caótico.

Além de Saramago, Mário de Sá-Carneiro, um dos fundadores da Revista Orpheu e do Orfismo, também pode ser citado como autor de uma literatura existencialista. Nascido em 1890, viveu entre Paris e Lisboa e passou por dificuldades financeiras até decidir tirar a própria vida com apenas 26 anos de idade. Sua literatura entre poesia, contos e teatro teve como identidade a incapacidade de separar sua arte de sua vida e, portanto, o que escrevia era reflexo do que vivia. A respeito disso, Massaud Moisés (2020) afirma:

[...] ganhou muito cedo a angustiante sensação de ser alheio à vida, e de esta lhe ser igual e totalmente estranha. O sentimento de estranheza gera-lhe outro: o de inadaptado ao mundo; egocêntrico, vaidoso, megalomaniaco, sente que o mundo é que não se lhe adapta e o repele como a uma incômoda presença. Em consequência, retrai-se para dentro de si num ensimesmamento saturado de narcisismo e orgulho, imaginando-se o

“Emigrado Astral”, a errar na terra o seu “exílio” perpétuo, como expiação ditada pelos Astros. “Rei exilado, / vagabundo dum sonho de sereia”, enerva-se diante da vida, que lhe suscita um “desdém Astral”, guiado pelo desejo de “ficar sempre na cama, nunca mexer, criar bolor”. (Moisés, 2020, p. 512)

Outro nome de influência para a literatura portuguesa do século XX é Florbela Espanca, que nasceu em 1914 e teve relevante contribuição para a poesia. Conhecida por seu tom entre o erótico, o religioso e o melancólico, tem certa semelhança com Sá-Carneiro, pois morreu em decorrência de uma overdose de medicamentos e era considerada uma mulher depressiva, logo há hipóteses de suicídio. Portanto, assim como ele, sua poesia também pode ter ultrapassado a linha entre vida e obra.

Em seu lado religioso, é possível encontrar fortemente uma “espiritualidade existencial”, que mesmo na fé em Deus, há desesperança e “flerte” com a morte, como Antonio Carlos Soares Santos (2019) comenta sobre o poema de Espanca “Moribundo”:

O simbolismo da escuridão, melancolia, vida sem sentido, a alma ferida, são traços marcantes e regulares nas poesias de Florbela Espanca. O existencialismo é abrigado em um discurso alimentado por abordagens do sagrado. Espanca cai em um existencialismo onde a grande angústia é vista de forma individualista, em seu mundo particular e pessoal, fugindo de uma visão generalizada com a sociedade.

[...] A ausência de luz traz à tona sua própria descrença, não em Deus, mas em sua própria fé e concepção de sagrado. O sentido de vida ou a falta dele é frequentemente condicionado a momentos que parecem ser desejados eternamente. (Santos, 2019, p. 147)

Portanto, Espanca e Sá-Carneiro compartilham desse mesmo lado melancólico que é refletido em sua vida e obra por inadaptação à realidade que os cerca, seja por problemas financeiros ou por problemas com a própria fé.

Entre os escritores já citados, está Fernando Pessoa, que é um caso emblemático da literatura portuguesa. Embora seja anterior ao existencialismo como movimento definido, ele explorou muitos temas existencialistas em sua obra. Objeto de estudo da presente pesquisa, será discutido e analisado mais profundamente.

2.2 Fernando Pessoa: um caso especial

Fernando Antônio Nogueira Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas portugueses do século XX e sua escrita representa um enigma para os estudiosos até o dia de hoje. Nascido em Lisboa, em 13 de junho de 1888, Pessoa ficou órfão de pai aos cinco anos e, logo após, aos sete anos, foi levado por sua mãe para Durban, na África do Sul, em decorrência de seu novo casamento.

Assim, passou parte de sua adolescência na África do Sul, onde desenvolveu seu inglês e demonstrou grande aptidão para a literatura e a escrita, a princípio em língua inglesa, iniciando sua vida como autor ainda na adolescência. Quando retornou a Portugal, chegou a estudar Letras e Filosofia, sem conclusão, e começou a publicar seus primeiros poemas em revistas portuguesas e desenvolver seus heterônimos – dentre eles, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos –, grandes objetos de estudo por sua complexidade e infinitude de elementos, pois não há sequer um número exato de personalidades criadas pelo autor.

Sobre sua heteronímia, Pessoa, em nome de Álvaro de Campos:

Quanto mais personalidades eu tiver,
 Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
 Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
 Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
 Estiver, sentir, viver, for,
 Mais possuirei a existência total do universo,
 Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,
 Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
 Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
 E fora d'Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco. (Pessoa, 2016, p. 451).

O poema evidencia o que há de mais marcante na literatura pessoana: suas diversas personalidades literárias, os heterônimos Caeiro, Reis e Campos e pelo semi-heterônimo Bernardo Soares, escritor do *Livro do Desassossego*. Cada um desses sujeitos possui história, escrita e personalidade própria e isto é refletido diretamente em seus poemas ou escritos, uma vez que cada um escreve sobre aquilo que pensa sobre a vida e sobre sua própria existência.

Alberto Caeiro é considerado o mestre de Fernando Pessoa e, conseqüentemente, dos demais heterônimos, além de ser o mais simples dentre eles, pois é homem do campo e vive a contemplar a natureza ao seu redor, defendendo o “*carpe diem*”, que é o ato de aproveitar o dia. Assim, sua poesia é repleta de elementos da natureza, falando sobre o que vê de mais belo no seu dia a dia numa vida

campestre: plantas, campos, rios, sol, entre outros, em uma “simplicidade quase infantil” (Coelho,1972, p.19).

Ricardo Reis é um médico defensor do “*carpe diem*”, ou seja, está sempre em busca de harmonia, vida plena e epicurismo, tendo uma vida regrada a se permitir o prazer. Assim como Caeiro, possui uma visão de aceitação da vida como ela é, amante da natureza e tem uma existência que consiste em aproveitar somente o melhor da vida, de modo que o que lhe cause desassossego não é considerável. Além disso, a questão religiosa também é presente em sua vida e obra, uma vez que era pagão e constantemente chamado de “pagão da decadência”, como discorre Massaud Moisés em seu livro *Fernando Pessoa - O Espelho e a Esfinge*:

Além de imaginar-se, não o médico que vive no século XX, mas um dos antigos, Ricardo Reis acentua a crença pagã, que logo o remete para a mitologia, para o politeísmo pré-cristão, mas estando o par de amantes na decadência do Império Romano, provocada, entre outros fatores, pelo advento de Cristo. Pós-cristão na ordem do tempo, cultivava os mesmos valores pagãos, mas com inocência, sem os “pecados” praticados em nome dos deuses. (Massaud, 2015, p. 63)

Álvaro de Campos nasceu em 15 de outubro de 1890 e foi um engenheiro naval. É considerado o heterônimo mais modernista e adepto a todo esse processo de modernização no qual a sociedade e a arte estavam mergulhadas. Representa a vida urbana e o entusiasmo com sua visão futurista, sem negar o que de indesejável pode ocorrer na vida moderna das cidades. Inclusive, o poema considerado como marco inicial do modernismo em Portugal, intitulado “*Ode Triunfal*”, possui como autor Campos, que expressava sua visão do mundo moderno, causando polêmica.

Por fim, dentre os principais heterônimos de Fernando Pessoa, o que mais se parece com o poeta é Bernardo Soares, motivo de ser chamado de “semi-heterônimo”, pois como seu próprio autor diz, em carta a Adolfo Casais Monteiro em 1935 compartilham de muitas características:

Como escrevo em nome destes três? Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da

minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de tenue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer “eu próprio” em vez de “eu mesmo”, etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. (Pessoa, 2019, pág. 363)

Em 1915, Pessoa teve participação no início do modernismo português com o poema “*Ode triunfal*”, na revista Orpheu, idealizada e criada pelo autor e por Luis de Montalvor, Mário de Sá-Carneiro, Almada-Negreiros, entre outros. A revista, que, a princípio, tinha a ideia de ser lançada em três edições, foi lançada em apenas duas, pois a terceira foi cancelada por decorrência da morte de Sá-Carneiro. Em contexto de modernidade e pensamento moderno, a principal intenção da revista era criticar e atingir o “lepidóptero burguês”, a alta sociedade.

Vale ressaltar que o contexto histórico da publicação do poema reflete diretamente na produção literária como representação ideal popular da época, que foi marcada por grandes transformações políticas, sociais e culturais. Dentre os principais acontecimentos que provocaram revoltas na Europa, e especialmente em Portugal, pode-se citar as grandes Guerras do século XX e a Proclamação da República em 1910, após o regicídio do Rei D. Carlos e de seu filho e herdeiro aparente, Luís Filipe. Portanto, além da representação da chegada de uma nova era na arte após o Simbolismo, o modernismo também representa o momento de angústia que o país presenciava.

A respeito disso, é possível encontrar a representação do período histórico não só em críticas feitas em revistas, mas na literatura pessoana, além do poema *Ode Triunfal*, como no *Livro do Desassossego* (2019):

Relembro, com tristeza irónica, uma manifestação de operários, feita não sei com que sinceridade (pois me pesa sempre admitir sinceridade nas coisas colectivas, visto que é o indivíduo, a sós consigo, o único ser que sente). Era um grupo compacto e solto de estúpidos animados, que passou gritando coisas diversas diante do meu indiferentismo de alheio. Tive subitamente náusea. Nem sequer estavam suficientemente sujos. Os que verdadeiramente sofrem não fazem plebe, não formam conjunto. O que sofre sofre só. (Pessoa, 2019, pág. 107)

O *Livro do Desassossego*, que é objeto de estudo do presente trabalho, foi escrito ao longo da vida de Fernando Pessoa, como uma espécie de diário de seu semi-heterônimo, Bernardo Soares, e publicada postumamente em 1982, após a

junção de fragmentos encontrados em prosa assinados por Soares. Intitulada pelo próprio autor de “Autobiografia sem Fatos”, a obra aborda todo o desconforto do autor em relação à sua própria existência, com a sociedade que vive com o tom de crítica ao absurdo da existência e inadaptação à realidade, além da busca de sentido da vida.

Dentre a vasta obra literária de Fernando Pessoa, as mais conhecidas *Mensagem* (1934) e “*Livro do Desassossego*”, além dos livros de poesias de cada heterônimo. Desses, *Mensagem*, que tem caráter nacionalista, é um livro de poesias e a única obra publicada em língua portuguesa, cuja escrita levou 21 anos, e uma das quatro obras publicadas em vida pelo autor, além de seus textos espessos em revistas, que ainda estão sendo resgatadas e estudadas pelos biógrafos. As demais obras, incluindo Livro do Desassossego e a produção heteronímica foram publicadas postumamente, fruto de documentos encontrados por onde Pessoa passou.

Desde sua morte até os dias atuais, Pessoa tem sido alvo de inúmeros estudos, análises, debates e pode ser considerado uma fonte inesgotável de assunto para tais, pois até hoje não se sabe tudo sobre o autor ou sobre seus heterônimos, que atualmente somam mais de setenta. Além do enigma que representa, o interesse dos estudiosos está, também, em sua escrita propriamente dita, que é repleta de complexidade com as múltiplas personalidades poéticas e profundidade das reflexões feitas, que o leva a ser estudado por diversas áreas além da literatura, como a psicologia, a filosofia, a linguística, entre outras.

2.3 O existencialismo de Fernando Pessoa

Como dissemos, Fernando Pessoa não alcançou o existencialismo como um movimento definido, entretanto, explorou muitos temas existencialistas em sua obra. Seus heterônimos, como Álvaro de Campos e Bernardo Soares, abordam questões de identidade, solidão e angústia existencial.

Devido à grande capacidade de Fernando Pessoa de multiplicar-se em suas diversas faces e personas para a produção literária de seus heterônimos, sua obra literária sugere uma necessidade dessa multiplicação do ortônimo (ele mesmo) em diversas vidas para que a vida faça sentido ou que ao menos haja formas de encontrar esse sentido. Nesse sentido, uma análise de cada uma dessas personalidades em

seus poemas pode revelar esse desejo por mais vida, com um autor vivenciando a sua de diferentes formas, perspectivas e visões de mundo, embora em algum momento conversem entre si.

Pessoa evidencia sua personalidade existencial diversas vezes em poesias, especialmente quando se trata de seu heterônimo Alberto Caeiro, dada a posição de heterônimo mestre e criador das demais personalidades. A respeito disso, Coelho (1972) declara que “[..] o pensador Caeiro afirma a precedência da existência em relação ao pensamento, do corpo em relação ao espírito” (Coelho, 1972, pág. 22) sobre o trecho de um poema em que o escritor diz “Sim, antes de sermos interior somos exterior. /Por isso somos exterior essencialmente”. Tal afirmação, conversa com a frase sartriana de que a existência precede a essência, pois evidencia que antes de qualquer coisa, ele existe e, logo, não possui uma predeterminação de seu ser.

Na mesma ideia sartriana de existencialismo, Moisés (2015) afirma sobre outro heterônimo pessoano, Álvaro de Campos, que:

De onde o tédio, a náusea, como em nenhum outro heterônimo, tédio e náusea que logo fazem pensar numa postura existencialista *avant la lettre*: igualmente anti-Caeiro à sua maneira, Álvaro de Campos é um existencialista, para quem a transcendência se inscreve na imanência, ou, consoante a pregação sartriana, a existência precede a essência. (Moisés, 2015, p. 67)

Quando Álvaro de Campos escreve no poema “Bicarbonato de Soda” que “Súbita, uma angústia... /Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!” (Pessoa, 2016, p. 429), é possível ver o autor nas palavras de Moisés. Isso, pois, sendo possivelmente o heterônimo mais existencialista, declara que está farto de sua vida e desesperançado em relação a “Deuses”, mas toma a decisão de existir “Sem esperança, em liberdade”, conversando, mais uma vez, com a concepção de Sartre de angústia causada pela liberdade.

Por fim, o terceiro heterônimo, Ricardo Reis, pode parecer ser o menos existencialista, pois em seu poema “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio” usa o rio como metáfora da vida e sugere que “Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos /Que a vida passa”. No entanto, o seu aparente desassossego em relação à vida, na verdade, é o que Sartre (1973) diz sobre pessoas que mascaram a própria ansiedade para evitar encará-la, como confirma Coelho: “O seu fito é iludir

(melhor: eludir) a dor construindo virilmente o próprio destino no restrito âmbito de liberdade que lhe é dado” (Coelho, 1972, pág. 24). Reis, portanto, busca falar sobre a vida e sua existência de forma a enganar-se.

No próximo capítulo da nossa Monografia trataremos mais profundamente sobre os elementos existencialistas na narrativa pessoana pela voz de Bernardo Soares no Livro do Desassossego. Dessa forma, será possível especificar alguns dos momentos nos quais Soares se mostra existencialista nos conceitos sartrianos de Liberdade, Responsabilidade e Angústia.

CAPÍTULO III

O LIVRO DO DESASSOSSEGO E ANTECIPAÇÃO DO EXISTENCIALISMO

“Nascemos já em plena angústia metafísica, em plena angústia moral, em pleno desassossego político.”

F. Pessoa

O existencialismo na literatura portuguesa deve ser entendido no contexto das mudanças políticas e sociais de Portugal, especialmente durante e após o Estado Novo e a Revolução dos Cravos³. A opressão, a censura e a luta pela liberdade influenciaram muitos escritores a explorar temas existencialistas como a liberdade, a individual e a responsabilidade.

Assim, a literatura portuguesa do século XX se desenvolveu em meio à falta de liberdade e, ainda assim, escritores como José Saramago, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro conseguiram refletir em suas obras toda a angústia de um mundo absurdo. Nesse sentido, os temas, especialmente, de liberdade foram autênticos do período.

3.1 O desassossego em um livro.

O *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa em nome de Bernardo Soares, um semi-heterônimo que foi publicado postumamente em 1982, e construído a partir de escritos do autor português. É um dos livros mais importantes da literatura portuguesa e repleto da ideia de existencialismo, uma vez que aborda a própria existência humana e tudo que a cerca através de profundas reflexões. Até hoje, continua sendo objeto de diversos estudos, destinados a desvendar sua profunda riqueza e a multiplicidade de elementos filosóficos e existencialistas que envolvem a obra, explorando a busca por significados em uma variedade de assuntos contidos em um único livro.

³ A Revolução dos Cravos aconteceu no dia 25 de abril de 1974, em Portugal, e lutou contra a ditadura, a crise econômica e as guerras em países colonizados da África, derrubando fascismo de Antônio Salazar. Para mais: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm> Acesso em 15 de jul de 2024.

Dentro do *Livro do Desassossego*, o existencialismo é marcado pela visão de mundo do semi-heterônimo Bernardo Soares, que faz escritos sem data ou ordem exata a respeito de seu dia a dia, e traz reflexões repletas de uma inquietação *sui generis*.

Como o próprio nome do livro sugere, o desassossego exposto é parte do que representa o existencialismo da obra, uma vez que Bernardo Soares vive em uma constante inquietação e insatisfação, refletindo sobre sua própria existência e suas responsabilidades em busca de um propósito ou sentido ao longo de todo o livro. Mas sem respostas que o fizessem ficar satisfeito, uma vez que tudo é advindo de um estado emocional.

Sobre a angústia existencialista, Sartre diz, ainda que “Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação. Trata-se de uma angústia simples, que todos aqueles que um dia tiveram responsabilidades conhecem bem” (Sartre, 1973, p. 6). Além disso, a própria ideia do “inacabado” ou “incompleto” que permeia a publicação, além da produção do livro, contribui para representação da existência como algo de jornada contínua e em constante evolução.

De acordo com Marcelo Jorge Pérez, o existencialismo que perpassa a obra literária, como um todo, de Fernando Pessoa pode ter:

Motivações de timidez, baixa autoestima, carências ou traumas gerados na infância e adolescência, seus estudos em internados de Durban, - imaginando os métodos disciplinares da época e a possível acolhida entre seus colegas anglófonos -, aparecem como um aspecto psicológico a se levar em conta, na edificação da sua relação com o Outro. Porém, não explicam *per se*, se não levamos em conta sua forte concepção existencialista, desde a qual, a própria vida é um gás de duvidosa estabilidade. Este existencialismo exacerbado permeia todo o desassossego do livro homônimo. (Pérez, 2015, p. 105)

Assim sendo, o autor destaca que o existencialismo presente nos escritos de Pessoa pode não ser única e exclusivamente por questões literárias, mas um reflexo de motivações pessoais, como traumas. Ou seja, todos os questionamentos do *Livro do Desassossego*, além da visão de angústia característica do existencialismo como escritas por uma visão de sua vida particular, contribui não só para o entendimento do desassossego que se passa na obra, como também para a compreensão da criação de autores fictício, porém independentes entre si e do próprio criador: os heterônimos.

Diferentemente de um pseudônimo, o heterônimo possui “vida” própria, não somente um nome para que o autor possa esconder o seu verdadeiro em uma publicação, por algum motivo específico, e porta nome e biografia própria. Ou seja, é mais completo, como qualquer escritor comum e seu criador escreve através dele com toda uma representação de particularidades em meio a toda heterogeneidade, visto que “[...] um heterônimo é a criação que o escritor faz de um outro escritor, atribuindo-lhe uma personalidade, um estilo, uma história” (Furlan, 2009, p. 173).

Em seu livro *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, José Paulo Cavalcanti Filho (2012, p. 255), diz que “A prática de escrever usando nomes falsos, como se fosse um outro, é usualmente atribuída ao filósofo e poeta Sören Kierkegaard (1813-1855), pai do existencialismo e escritor da era dourada dinamarquesa da primeira metade do século XIX”. Posto isso, o hábito de escrever em nome de outras personalidades criadas pelo próprio autor é característico do existencialismo e propõe que apenas uma vida não é suficiente para a constante busca por identidade, respostas e realização espiritual.

O autor afirma, ainda, citando Charles Baudelaire que “[...] O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um” (Baudelaire *apud* Cavalcanti, 2012, p. 256). Desse modo, a prática de escrever por meio de pseudônimos ou heterônimos pode estar diretamente relacionada ao fato de o artista ter, em si, inúmeras vozes e, no caso de Fernando Pessoa, de forma fragmentada com seus heterônimos, retratando a vida, a morte, a arte, a literatura, entre outras coisas, no Livro do Desassossego.

3.2 Liberdade

A liberdade na filosofia existencialista, independentemente de ser ateu ou não, concorda que o ser humano é responsável por seus próprios atos, logo também é suscetível a arcar com as decisões tomadas. Mais especificamente em Sartre (1973, p. 12), pois afirma que “[...] o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta”. Nesse sentido, a liberdade em Sartre está diretamente

ligada à ideia da não existência de Deus para decidir o que a humanidade pode ou não fazer e, portanto, o ser humano tem como característica a liberdade.

O *Livro do Desassossego* é repleto da ideia da liberdade de uma sociedade pós-Iluminismo, na qual boa parte das pessoas perdeu a fé em Deus, como Fernando Pessoa (2019) introduz no livro:

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido — sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertenço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêem só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerei que Deus, sendo improvável, poderia ser, podendo, pois, dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera ideia biológica, e não significando mais que a espécie animal humana, não era mais digna de adoração do que qualquer outra espécie animal. Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivescência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses, ou os deuses tinham cabeças de animais. (Pessoa, 2019, p. 15)

No trecho, o narrador menciona a ausência da crença em sua época, especialmente entre os jovens, com a humanidade adorando a si mesma ao invés de Deus. Bernardo Soares, no entanto, fica em uma indecisão, pois não abandonou completamente sua fé, ao passo que também não aceitou completamente “Este culto da Humanidade”, uma vez que a ideia de liberdade de Soares é justamente poder escolher se isolar da sociedade.

Essa “morte de Deus”, como já discutida em Nietzsche (2011), está presente, também em *Assim Falou Zaratustra*, à medida que o “super-homem” visto em Soares ou nos homens de sua época, precisam abandonar a ideia divina para seguir suas próprias regras. Dessa forma, Soares se vê entre aceitar sua fé ou ao que a humanidade cultua com a Liberdade e Igualdade.

Ainda segundo Soares,

A liberdade é a possibilidade do isolamento. És livre se podes afastar-te dos homens, sem que te obrigue a procurá-los a necessidade do dinheiro, ou a necessidade gregária, ou o amor, ou a glória, ou a curiosidade, que no silêncio e na solidão não podem ter alimento. Se te é impossível viver só, nasceste escravo. Podes ter todas as grandezas do espírito, todas da alma: és um escravo nobre, ou um servo inteligente: não és livre. E não está contigo a tragédia, porque a tragédia de nasceres assim não é contigo, mas do Destino para si somente. Ai de ti, porém, se a opressão da vida, ela própria,

te força a seres escravo. Ai de ti, se, tendo nascido liberto, capaz de te bastares e de te separares, a penúria te força a conviveres. Essa, sim, é a tua tragédia, e a que trazes contigo. (Pessoa, 2019, p. 174)

O narrador prossegue, ainda, dizendo que “A morte é uma libertação porque morrer é não precisar de outrem” (2019, p.174), o que sugere que a “escravidão” de não poder optar pelo isolamento ou qualquer outro tipo de privação da liberdade tem como solução a morte, pois ela o libertará. Posto isso, a perspectiva de liberdade somente na morte o leva a uma vida inautêntica e angustiada, segundo os ideais de morte de Heidegger.

3.3 Responsabilidade

O principal fragmento da responsabilidade por si e pela humanidade em Fernando Pessoa através do *Livro do Desassossego* é a consciência de que ela existe, porém há a negação do agir pela humanidade. Se para Soares, a liberdade é o isolamento, o conceito de responsabilidade não só por si, mas pela humanidade no ideal de Sartre é negado, uma vez que afirma que o ser humano é responsável por si mesmo e por toda a humanidade ao fazer escolhas.

Sartre (1973) enfatiza em sua frase “a existência precede a essência” que:

[...] o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (Sartre, 1973, p. 7).

Embora em algum momento se faça o questionamento de “Mas como hei-de efectuar o intento de servir minha pátria, ou alargar a cultura humana, ou melhorar a humanidade? Nem posso ter a certeza dos processos nem a verificação dos fins.” (Pessoa, 2019, p. 97), Soares diz sobre sua responsabilidade e a de todos os outros homens civilizados sobre a humanidade:

Nada me pesa tanto no desgosto como as palavras sociais de moral. Já a palavra “dever” é para mim desagradável como um intruso. Mas os termos “dever cívico”, “solidariedade”, “humanitarismo”, e outros da mesma estirpe, repugnam-me como porcarias que despejassem sobre mim de janelas. Sinto-me ofendido com a suposição, que alguém porventura faça, de que essas

expressões têm que ver comigo, de que lhes encontro, não só uma valia, mas sequer um sentido. (2019, p. 105)

No trecho em questão, Soares deixa nítida a sua profunda insatisfação com as ideias de seus deveres sociais, bem como suas responsabilidades como cidadão. O que o causa a angústia que Sartre (1973, p.32) diz ser “[.] a ausência total de justificativas e simultaneamente, a responsabilidade perante todos”. Conseqüentemente, o desejo por isolamento o faz querer apenas abandonar tudo, como declara em

Abandonar todos os deveres, ainda os que nos não exigem, repudiar todos os lares, ainda os que não foram nossos, viver do impreciso e do vestígio, entre grandes púrpuras de loucura, e rendas falsas de majestades sonhadas... Ser qualquer coisa que não sinta o pesar de chuva externa, nem a mágoa da vacuidade íntima... Errar sem alma nem pensamento, sensação sem si-mesma, por estrada contornando montanhas, por vales sumidos entre encostas íngremes, longínquo, imerso e fatal... Perder-se entre paisagens como quadros. Não-ser a longe e cores... (Pessoa, 2019, p. 36)

Além disso, em relação àqueles que se engajam na sociedade, o autor revela certo menosprezo, como vemos abaixo:

[...] e um profundo e tedioso desdém por todos quantos trabalham para a humanidade, por todos quantos se batem pela pátria e dão a sua vida para que a civilização continue... Um desdém cheio de tédio por eles, que desconhecem que a única realidade para cada um é a sua própria alma, e o resto — o mundo exterior e os outros — um pesadelo inestético, como um resultado nos sonhos de uma indigestão de espírito. (Pessoa, 2019, p. 33)

A respeito do engajamento a que Bernardo Soares repudia no *Livro do Desassossego*, segundo Sartre (1973), ela é resultado da responsabilidade e existem dois tipos: **o engajamento livre** e **o engajamento cartesiano**. No engajamento livre, um indivíduo é um ser altruísta e se sente bem agindo em prol da humanidade, sendo o mais comum. No engajamento cartesiano, o agir é relativo à cultura e é, portanto, determinação fixa do que os seus cidadãos precisam fazer diariamente ou constantemente para que a sociedade se mantenha, sendo não opcional.

Grande parte do engajamento, especialmente o livre, possivelmente seja motivado pelo cristianismo, logo os fiéis agem de acordo com o que consideram correto em nome de sua religião. Quando se considera o agir em prol da humanidade

por um bem maior, que é a salvação, tem-se como modelo o Evangelho de amor ao próximo e, nesse sentido, Soares diz:

Quedar-nos-emos indiferentes à verdade ou mentira de todas as religiões, de todas as filosofias, de todas as hipóteses inutilmente verificáveis a que chamamos ciências. Tão-pouco nos preocupará o destino da chamada humanidade, ou o que sofra ou não sofra em seu conjunto. Caridade, sim, para com o “próximo” como no Evangelho se diz, e não com o homem, de que nele se não fala. E todos, até certo ponto, assim somos: que nos pesa, ao melhor de nós, um massacre na China? Mais nos dói, ao que de nós mais imagine, a bofetada injusta que vimos dar na rua a uma criança.

Caridade para com todos, intimidade com nenhum. Assim interpreta FitzGerald¹, em um passo de uma sua nota, qualquer coisa da ética de Khayyam.

Recomenda o Evangelho amor ao próximo: não diz amor ao homem ou à humanidade, de que verdadeiramente ninguém pode curar. (Pessoa, 2019, p. 257)

Portanto, embora o narrador possua certa falta de apreço por suas responsabilidades perante a humanidade, no trecho, destaca que o Evangelho sugere “amor ao próximo: não diz amor ao homem ou à humanidade”, o que, em outras palavras, diz que é mais eficaz agir não pensando na humanidade como um todo, mas apenas na pessoa mais necessitada que está a seu lado. Dessa forma, sofrer com o rumo da humanidade ou com acontecimentos distantes de si é esforço e sofrimento em vão.

3.4 Angústia

Afirmar que liberdade é poder se isolar e não ser simpatizante de causas humanitárias não indicam necessariamente que tais inquietações não lhe atinjam e não lhe causem angústias. Diante do existencialismo, “o homem é angústia” (Sartre, 1973, p. 9) e, portanto, até mesmo os que dizem não a sentir, apenas estão a mascarando.

No entanto, essa angústia está presente na obra de forma que até mesmo a descrição física do semi-heterônimo Bernardo Soares é angustiada:

Era um homem que aparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exageradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pálida e sem interesse de feições um ar de sofrimento não acrescentava interesse, e era difícil definir que espécie de sofrimento esse ar indicava — parecia indicar

vários, privações, angústias, e aquele sofrimento que nasce da indiferença que provém de ter sofrido muito. (Pessoa, 2019, p. 9)

O *Livro do Desassossego*, como o próprio nome sugere, é repleto de reflexões angustiadas de preocupações, inquietações ou desassossegos da alma do narrador. Dessa forma, a angústia existencialista que, segundo Sartre, “se explica também por uma responsabilidade direta para com os outros homens engajados pela escolha” (1973, p. 10), também está presente em fragmentos dos pensamentos do narrador.

A angústia existencial sartriana pode ser vista como uma ansiedade, sentimento comum a todos, que não é algo necessariamente ruim, uma vez que ela os lembra de seus deveres e responsabilidades e “Não se trata de uma angústia que conduz ao quietismo, à inação” (Sartre, 1973, p. 10). Assim, Soares descreve seu dia a dia de forma a descrever suas angústias, o que não significa necessariamente que ele tenha uma vida ruim. Sobre seus dias de angústia, o narrador declara:

Há dias em que sobe em mim, como que da terra alheia à cabeça própria, um tédio, uma mágoa, uma angústia de viver que só me não parece insuportável, porque de facto a suporto. É um estrangulamento da vida em mim mesmo, um desejo de ser outra pessoa em todos os poros, uma breve notícia do fim. (Pessoa, 2019, p. 201)

No trecho é possível analisar que o uso de “há dias” sugere que, embora o livro seja repleto de angústia, elas não perduram sempre. Se for levado em conta o fato de que Fernando Pessoa explica, em carta, que escreve em nome de Soares em momentos de sonolência, possivelmente nas madrugadas, quando estaria refletindo e lembrando do que lhe aflige.

Sobre tentar enganar-se com uma falsa felicidade plena, sem angústias, o autor diz se irritar com “a felicidade de todos estes homens que não sabem que são infelizes” (Pessoa, 2019, p.189) e que são felizes as pessoas que sentem a angústia de forma que ela altere, “[...] mas não divide, que crêem, ainda que na descrença, e podem sentar-se ao sol sem pensamento reservado.” (2019, p. 154). Posto isso, há a consciência da angústia como ansiedade existencialista na obra.

Soares, explica, ainda, o motivo de escrever sobre suas angústias:

Porque o reconheço imperfeito. Sonhado seria a perfeição; escrito, imperfeioa-se; por isso o escrevo. E, sobretudo, porque defendo a inutilidade, o absurdo, — eu escrevo este livro para mentir a mim próprio, para

trair a minha própria teoria. E a suprema glória disto tudo, meu amor, é pensar que talvez isto não seja verdade, nem eu o creia verdadeiro. E quando a mentira começar a dar-nos prazer, falemos a verdade para lhe mentirmos. E quando nos causar angústia, paremos, para que o sofrimento nos não signifique nem perversamente prazer..." (Pessoa, 2019, p.144)

Suas motivações são, portanto, tentar mentir para si mesmo que nada do que escreve seja verdade, mas não a ponto de realmente acreditar nisso, pois sua vida possui desassossegos. No entanto,

Considerar a nossa maior angústia como um incidente sem importância, não só na vida do universo, mas na da nossa mesma alma, é o princípio da sabedoria. Considerar isto em pleno meio dessa angústia é a sabedoria inteira. No momento em que sofremos, parece que a dor humana é infinita. Mas nem a dor humana é infinita, pois nada há humano de infinito, nem a nossa dor vale mais que ser uma dor que nós temos. (Pessoa, 2019, p.196)

Portanto, Fernando Pessoa possui plena convicção de que sua angústia é algo que não deve ser considerada em toda a sua vida, mas uma pequena parcela dela. Assim sendo, todo seu desespero não é infinito, mesmo que pareça e ele é apenas a consciência de sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se analisar a presença do existencialismo na obra literária e heteronímica de Fernando Pessoa, com foco no *Livro do Desassossego*, considerando toda a complexidade a qual as múltiplas personalidades e as reflexões feitas pelo semi-heterônimo Bernardo Soares englobam. Visou-se ainda compreender a obra a partir do pensamento existencialista, com os conceitos de liberdade, responsabilidade e angústia, especialmente da perspectiva sartriana para que o legado filosófico-literário de Pessoa seja cada vez mais discutido.

A princípio, buscou-se estabelecer discussões sobre o existencialismo com seus principais estudiosos, sendo eles Kierkegaard, Heidegger, Nietzsche e Sartre, foco das análises, os quais possuem suas visões de mundo e perspectivas diferentes, embora todos concordem que a “a existência precede a essência”. Além disso, para entender como a obra se insere no existencialismo com seu contexto histórico também foi necessária uma breve análise de cada heterônimo, de cada personalidade, de forma que as diversas faces pessoais fossem abordadas.

Embora o existencialismo ou fragmentos dele na literatura portuguesa não sejam tão discutidos ou analisados, há presença significativa dele nas obras de alguns dos escritores mais importantes de Portugal no século XX. Autores como Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiros e José Saramago deixaram suas contribuições além de Fernando Pessoa, para a riqueza que é a presença da filosofia dentro da literatura, para que o leitor reflita e pense em sua existência enquanto a lê.

A história não só do existencialismo, mas da formação e desenvolvimento da literatura em Portugal foi cheia de desafios para chegar ao conhecimento que hoje tem-se sobre os assuntos. Tal interdisciplinaridade é admitida pelos próprios autores do existencialismo, que buscam explorar seus conceitos dentro de personagens e pelos escritores literários, que utilizam a literatura para expressar filosofias de vida próprias, como é o caso de Fernando Pessoa, ou do meio social em que vive.

Ponto essencial neste trabalho são os acontecimentos históricos que ocorreram de forma a impactar na escrita literária, todo o absurdo presenciado em meios a guerras, conflitos, questões políticas, entre outras áreas. Nesse sentido, refletir a respeito do período em que ocorre a escrita da obra como representação da insatisfação humana é algo a levar em consideração em análises.

Além da exploração da vasta obra literária dentro da filosofia e vice-versa, dentro do segundo capítulo mostramos que as duas áreas podem ser complementares, uma vez que é necessário buscar conceitos em outras áreas de estudo para que a literatura em si faça sentido, se ela não representar o meio que o leitor vive ou está habituado. Isso mostra que a filosofia pode estar dentro da literatura para ser analisada, e nessas perspectivas, apenas a enriquece.

Todos os trechos analisados, tanto do *Livro do Desassossego* ou de fragmentos da poesia heteronímica demonstram o caráter existencial, pois revelam o homem simples do campo, o médico amante dos prazeres da vida e o modernista com sede de futuro, além do ajudante de guarda-livros angustiado, sendo Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares respectivamente. A escrita e obra literária de Fernando Pessoa mostra-se repleta de existencialismo pela sede de vida autêntica, ou várias, mesmo que fictícias.

Todas as possibilidades que Fernando Pessoa com o *Livro do Desassossego* nos disponibiliza, falando não só de si, mas também do seu período histórico e de tudo o que era inquietação da sociedade. Nisso, Bernardo Soares, assim como os demais heterônimos possui sua vasta vivências e experiências com aquilo que mais lhe chama atenção e condiz com sua filosofia de vida.

Portanto, o universo criado por Fernando Pessoa no *Livro do Desassossego* é rico e nos traz ideias não apenas filosófico-existencialistas, mas em muitas outras áreas. No entanto, o existencialismo se destaca pela complexidade das reflexões acompanhadas da sensação de liberdade, da solidão e, conseqüentemente da angústia existencialista, fruto de tudo que atormenta o narrador, assim como seu dever para com a humanidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rafael de; LEITE, Viana. **Filosofia e literatura: diálogos, relações e fronteiras**. Editora Intersaberes, 2023.

CÂNDIDO, António. Literatura e sociedade. revista pelo autor. **Rio de Janeiro: Ouro sobre azul**, v. 117, 2006.

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. Editora Record, 2012.

COELHO, Jacinto Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. 1972.

COLETTE, J. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM (Pocket), 2009.

FURLAN, Stélio; SIQUEIRA, José Carlos. **Literatura Portuguesa**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 254-267, 2016.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. Editora Cultrix, 2020.

MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa-O Espelho e a Esfinge**. Editora Cultrix, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou zaratustra**. Editora Companhia das Letras, 2011.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector. **Trans/Form/Ação**, v. 12, p. 47-56, 1989.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. 2ª ed. ed. Jundira, SP: Principis, 2019.

PÉREZ, Marcelo Jorge. **Alteridade e existencialismo no Livro do Desassossego de Fernando Pessoa**. *Encontros de Vista*, v. 16, n. 2, p. 89-107, 2015.

PESSOA, Fernando. **Box-Obra poética de Fernando Pessoa**. Nova Fronteira, 2016.

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Editora Vozes Limitada, 2012.

SANTOS, Antonio Carlos Soares. Beleza e conflito: a espiritualidade existencial na poesia de Florbela Espanca em diálogo com o livro do Eclesiastes. **Revista Caminhando v**, v. 24, n. 1, p. 143-152, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. In: Os Pensadores, Vol. XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973.